

**Texto de apresentação do romance de Judite Canha Fernandes *O Mel Sem Abelhas* da autoria da escritora Marta Pais Oliveira lido na sessão de lançamento da obra na Feira do Livro do Porto 2025.**

«Não sei se sabes, mas o açúcar tem de se fazer muito depressa. Muito depressa mesmo, o mais depressa possível. Cada hora conta para chupar mais ou menos ouro da cana.»

Começo com esta citação do livro que nos apresenta o ouro branco, os juncos que produzem o mel sem abelhas, a doçura e o deleite sem o trabalho do inseto. Com o trabalho de quem?

Damos a mão a Marta, menina-mulher escravizada, subitamente, como uma noite opressiva que cai sem aviso. Século XVI, raptada de Angola até à sociedade colonial madeirense, enjaulada num navio negreiro, lançada na imensidão do Atlântico. Também o nome Marta tem lá dentro mar. Marta entra no sonho da autora, a autora traduz-nos a sua travessia. E avisa-nos: “Este não é um meta-sonho, um sonho sobre o sonho, nem sobre o sonho do sonho. É um sonho. Só isso.” Ou ainda: “Isto não é sobre compreender, não é sobre julgar, é só sobre contar”.

É preciso respirar fundo antes de entrar neste livro, e durante. Lembrar é uma forma de lutar. Em *O Mel sem Abelhas* sentimos visceralmente a negação da condição humana. E o que admiro na escrita de Judite é o não ornamentar o que não pode ser ornamentado, não suaviza o que é agonizante, não abdica do lirismo quando a força do afeto se multiplica, é corajosa e ousada, íntima, tão nítida e historicamente fundamentada quanto onírica e de imaginação livre. Canta a dignidade, revela toda a potência do mundo interior de quem não se pode mover. Este livro capta o não-verbal, o que está oculto, parte “a película entre nós e o mundo”, acede a zonas de perplexidade perante atos monstruosos.

Capta, também, subtis interferências vitais, de regeneração - contra a maior usurpação e opressão. E tece um subtil tecido de mistério que nos acaricia.

Contar histórias precede a linguagem, é uma condição para a própria linguagem. Que ritmos abrem diferentes línguas? Do quimbundo, Kini. - Azul. Kalunga - mar. Kalembe - tempestade. Ufolo - liberdade, alforria. Mas “não precisamos da língua para olhar os outros com atenção, nem para sentir ternura por eles”.

Num livro em homenagem às avós, dedicado à filha, dividido em três partes: I - O Mar, II - A pedra imóvel, III - O mel sem abelhas, estamos no que designam de “centro do mundo moderno”, o Engenho do açúcar, com a música das máquinas, lugar da Casa Grande, lugar de hipocrisia onde os senhores desfrutam e são servidos, onde sapatinhos escorregam no sangue dos “outros”.

Medito na herança feminina. A cana e os corpos - particularmente os das mulheres - aguardam por serem triturados. Cada corpo produz “um ruído diferente ao ser arrastado”. É incessante o ruído dos grilhões. “Antes de uma ferida poder sarar, logo outra a vem substituir. Antes de podermos lambe um corte, cortam-nos a língua e esfregam-nos em sal”.

Marta conta-nos: “Nem sempre o corpo é a continuidade de ti. Às vezes, simplesmente, o corpo parte-se”. Continuamente violentada, obrigada a ser “sobre-humana, um espírito”. Mas o espírito não “pode ser dobrado só por lhe vergarem o pescoço”. Há aqui uma ancestralidade de força, mulheres de rocha, “tão altas como os

penhascos”. Contra o horror, Marta continua a procurar a beleza, não se podem lançar correntes ao olhar e à sua volta as montanhas são verdes, a ribeira “corria corria corria”, há rasgos de humor, o riso irrompe. Que um corpo de carne que resiste, como o seu, transmuta-se em poema.

Marta que dá a mão ao mar que dá a mão a Judite que dá a mão a Marta que nos dá a mão que lhe damos a mão e não a podemos largar, sob nenhuma circunstância a podemos largar. Como o poderíamos fazer? Nós que nascemos neste mundo, cito, “não para o entortar e dizimar e enriquecer, mas para dar a conhecer porque explodem as flores”.

Que histórias estamos, hoje, a saber contar, a saber ouvir? Temos muita sorte em podermos ler, hoje e daqui a muito tempo, Judite Canha Fernandes. A certo momento, Marta que é Judite que é Marta pergunta: “- Que acontecerá, se todos furarmos a madeira mole?” - Somos melhores a criar prisões do que a ampliar liberdades. Que acontecerá, pergunto, se todos furarmos a madeira mole das prisões que ainda restam?

Leva muito tempo desenhar a fuga, dar forma ao sonho, voltar à mãe, inventar um regresso livre a casa, parar de procurar um nome novo para o peso do ferro nos pés. Nomear: quero voltar ao poder das palavras e escolho este trecho belíssimo do livro: “Palavra é morcego, palavra é morcego batendo nas paredes da gruta dos arrependimentos e das pequenas e grandes covardias, teia frágil de acontecimentos se enrolando em torno dos nossos corpos. Julgamos tecê-la, quando apenas temos nas mãos, por breves instantes, um fio ou outro”. Mas a Judite não. A Judite tem fios sem fim nas mãos, exímia fiadeira, rigor e ritmo, corpo-memória e corpo-oráculo, fúria, volúpia.

Os textos da Judite vêm fortes, como as vagas atlânticas, e pedem entrega intensa. Saibamos nós lê-la.»